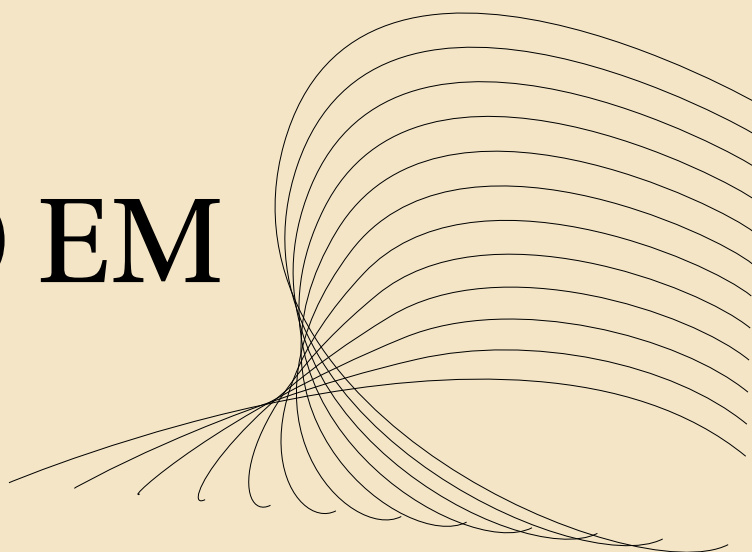




TEMPO EM CURSO



Publicação eletrônica mensal sobre as desigualdades
de cor ou raça e gênero no mercado de
trabalho metropolitano brasileiro

Ano III; Vol. 3; nº 4, Abril, 2011

(o emprego doméstico não está em extinção)

ISSN 2177-3955

Sumário

1. Apresentação
2. Rendimento habitual médio do trabalho principal
3. Evolução da taxa de desemprego
4. Evolução da participação do emprego doméstico entre as posições ocupacionais
5. Composição de cor ou raça e sexo do emprego doméstico
6. Rendimento habitual médio do emprego doméstico

1. Apresentação

Com o presente número, o **LAESER** dá continuidade ao boletim eletrônico “Tempo em Curso”, já em sua 18ª edição.

Os indicadores desta publicação são os microdados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME), divulgados, mensalmente, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em seu portal (www.ibge.gov.br), e tabulados pelo **LAESER** no banco de dados “Tempo em Curso”.

A PME coleta informações sobre o mercado de trabalho das seis maiores Regiões Metropolitanas (RMs) brasileiras. Da mais ao Norte, para a mais ao Sul: Recife (PE), Salvador (BA), Belo Horizonte (MG), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP) e Porto Alegre (RS).

No que tange aos indicadores do mercado de trabalho, como de hábito, serão analisados os dados de evolução do rendimento médio do trabalho principal habitualmente recebido e da taxa de desemprego. Para ambos os indicadores, a análise verterá, inicialmente, sobre um intervalo de tempo de curto prazo (fevereiro de 2010 a fevereiro de 2011). Posteriormente, será realizada uma comparação para um intervalo de tempo mais longo, compreendido entre fevereiro de 2003 e fevereiro de 2011.

Além da análise conjuntural sobre o mercado de trabalho, este número será dedicado à análise do emprego doméstico no mercado metropolitano brasileiro. A decisão de dedicar um número do “Tempo em Curso” a este tema se deve à comemoração, no mês de abril, do dia da empregada doméstica (27 de abril).

Outro fator que motivou o **LAESER** a dedicar esta edição à análise do emprego doméstico foram os recentes comentários do economista Delfim Neto sobre o futuro do emprego doméstico, à luz da hipótese do

generalizado processo de ascensão social no Brasil recente: *“a empregada doméstica, infelizmente, não existe mais. Quem teve este animal, teve. Quem não teve, nunca mais vai ter”*.

Suas afirmações foram veiculadas no programa Canal Livre, da TV Bandeirantes, no dia 4 de março de 2011.

Para além do lamentável – e sugestivo – comentário do ex-ministro da Fazenda, o objetivo é analisar se nos últimos oito anos a recuperação dos indicadores do mercado de trabalho foi, de fato, acompanhada por uma redução expressiva no número de trabalhadores ocupados no emprego doméstico.

Deste modo, serão analisados o peso relativo na ocupação e o rendimento do emprego doméstico entre os grupos de cor ou raça e sexo, ao longo do período compreendido entre fevereiro de 2003 e fevereiro de 2011.

2. Rendimento habitual médio do trabalho principal (tabelas 1 e 2)

No mês de fevereiro de 2011, o rendimento médio do trabalho principal habitualmente recebido pelo total da População Economicamente Ativa (PEA) das seis maiores RMs brasileiras foi de R\$ 1.540,26. Comparativamente ao mês anterior do mesmo ano, este valor apresenta uma ligeira queda de 0,5% nos rendimentos recebidos. Já em relação a fevereiro de 2010, houve uma elevação de 3,7% no mesmo valor.

O rendimento médio recebido pela PEA branca de ambos os sexos em fevereiro de 2011 foi de R\$ 1.966,17, enquanto o mesmo rendimento recebido pela PEA preta & parda de ambos os sexos foi igual a R\$1.053,19.

Na comparação desses valores com o mês de janeiro de 2011, houve um pequeno aumento de 0,3% no rendimento médio da PEA branca de ambos os sexos, ao passo que o rendimento da PEA preta & parda caiu em 0,7%, em termos reais, para o mesmo período. Já em relação ao mês de fevereiro de 2010, observou-se um aumento de 3,2% para os rendimentos da PEA branca, enquanto a valorização dos rendimentos do trabalho da PEA preta & parda foi mais expressiva, em 6,6%.

Ao analisar também o comportamento do indicador desagregado pelos grupos de sexo, percebe-se que, em fevereiro de 2011, a PEA branca masculina obteve rendimento médio do trabalho igual a R\$ 2.282,31. Para

as mulheres do mesmo grupo de cor ou raça, o rendimento de fevereiro do mesmo ano foi de R\$ 1.589,73.

Comparativamente ao mês de janeiro de 2011, percebe-se que o rendimento da PEA branca masculina se manteve praticamente estável, com um ligeiro aumento de 0,03%. Malgrado ter sido em sentido contrário, o indicador da PEA branca feminina manteve-se também praticamente estável, com ligeira queda de 0,03%. Nas comparações com fevereiro de 2010, notam-se valorizações reais de 3,2% e de 2,4% nos rendimentos de homens e mulheres deste grupo de cor ou raça, respectivamente.

O rendimento médio da PEA preta & parda masculina para o mês de fevereiro de 2011 foi de R\$ 1.199, 49, enquanto para a PEA feminina preta & parda o mesmo indicador foi igual a R\$ 866,85.

Relativamente ao mês anterior, houve uma pequena queda de 0,2% no indicador para os homens desse grupo de cor ou raça e uma queda mais expressiva nos rendimentos das mulheres do mesmo grupo, de 1,6%. Entretanto, em relação a fevereiro de 2010, a PEA preta & parda masculina obteve uma evolução positiva de 7,0% para o mesmo indicador. No que tange ao rendimento médio da PEA feminina, igualmente houve uma valorização real, porém em menor proporção: 5,9%.

Em fevereiro de 2011, as assimetrias de cor ou raça de ambos os sexos entre os trabalhadores das seis maiores RMs foram de 86, 7%, favoravelmente aos brancos.

Assim, percebe-se uma elevação de 1,8 ponto percentual na assimetria de rendimentos em relação a janeiro do mesmo ano. Contudo, em relação ao mês de fevereiro de 2010, houve redução das desigualdades de cor ou raça na magnitude de 6,2 pontos percentuais.

Ao desagregar pelos grupos de sexo, é possível perceber que houve um aumento nas assimetrias de cor ou raça tanto para a PEA feminina quanto a masculina, porém de forma mais acentuada para o primeiro grupo.

No segundo mês de 2011, os homens brancos obtiveram rendimentos habituais médios do trabalho principal 90,3% superior ao dos homens pretos & pardos. Este patamar de assimetria mostrou-se mais elevado do que o ocorrido para a PEA feminina, na qual a desigualdade de cor ou raça para o indicador ficou em 83,4%, favoravelmente às trabalhadoras brancas, comparativamente as suas companheiras, trabalhadoras pretas & pardas.

Em relação ao mês de janeiro de 2011, as assimetrias de cor ou raça, favoravelmente à PEA branca, aumentaram em 0,4 ponto percentual para a PEA masculina, e em 2,9 pontos percentuais para a PEA feminina.

Comparativamente ao mês de fevereiro de 2010, o indicador apresenta uma redução das desigualdades de cor ou raça bastante similar para ambos os grupos de gênero, sendo a redução das assimetrias igual a 6,4 pontos percentuais, no caso das mulheres, e 6,3 pontos percentuais, no caso dos homens.

Tabela 1. Rendimento médio habitualmente recebido pela PEA ocupada residente nas seis maiores RMs, Brasil, fev / 10 – fev / 11 (em R\$ - fev 11, INPC)

	2010											2011	
	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev
Homens Brancos	2.204,32	2.204,03	2.205,85	2.161,55	2.130,49	2.216,90	2.289,39	2.305,38	2.292,23	2.223,24	2.252,59	2.281,66	2.282,31
Mulheres Brancas	1.553,09	1.565,00	1.566,78	1.530,96	1.552,04	1.571,93	1.554,04	1.598,61	1.629,92	1.637,46	1.577,07	1.590,22	1.589,73
Brancos	1.905,24	1.910,47	1.912,35	1.871,69	1.864,12	1.919,99	1.950,73	1.977,84	1.987,64	1.955,84	1.941,26	1.960,57	1.966,17
Homens Pretos & Pardos	1.120,93	1.121,43	1.121,66	1.132,29	1.146,45	1.152,39	1.173,02	1.189,86	1.197,63	1.211,15	1.204,91	1.201,74	1.199,49
Mulheres Pretas & Pardas	818,84	818,27	807,92	822,46	847,93	857,67	868,71	866,68	874,60	867,45	879,08	881,27	866,85
Pretos & Pardos	987,83	988,19	984,31	996,40	1.015,41	1.022,25	1.038,87	1.046,65	1.054,24	1.058,75	1.060,11	1.060,18	1.053,19
PEA Total	1.485,92	1.491,21	1.492,11	1.478,79	1.486,76	1.519,16	1.540,27	1.559,84	1.563,89	1.551,18	1.539,73	1.547,43	1.540,26

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso)

Tabela 2. Rendimento médio habitualmente recebido pela PEA ocupada residente nas seis maiores RMs, Brasil, fev / 03 – fev / 11 (em R\$ - fev / 11, INPC)

	Fevereiro								
	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Homens Brancos	1.903,04	1.819,92	1.880,57	1.904,42	2.077,54	2.060,49	2.248,57	2.204,32	2.282,31
Mulheres Brancas	1.348,15	1.272,91	1.318,09	1.336,22	1.393,24	1.450,32	1.519,05	1.553,09	1.589,73
Brancos	1.668,21	1.579,06	1.633,47	1.651,60	1.772,44	1.787,82	1.920,46	1.905,24	1.966,17
Homens Pretos & Pardos	896,34	878,51	863,46	947,52	968,77	1.031,42	1.072,03	1.120,93	1.199,49
Mulheres Pretas & Pardas	660,48	648,31	637,05	658,43	684,51	744,86	791,02	818,84	866,85
Pretos & Pardos	797,34	784,67	770,31	825,25	845,76	908,47	950,00	987,83	1.053,19
PEA Total	1.318,70	1.255,15	1.275,65	1.305,65	1.373,40	1.407,87	1.472,44	1.485,92	1.540,26

Nota 1: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada os apresentados no portal do IBGE e poderão sofrer uma correção
Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso)

Mesmo com a redução das assimetrias ao longo do último ano, no mês de fevereiro de 2011, o rendimento médio dos trabalhadores brancos do sexo masculino apresentou-se 163,3% maior do que o das trabalhadoras pretas & pardas. No mesmo momento, o rendimento médio das trabalhadoras brancas ficou 32,5% acima do rendimento dos trabalhadores pretos e pardos do sexo masculino.

Na análise anual da série do mês de fevereiro desde o ano de 2003, percebe-se que o rendimento médio do trabalho principal da PEA metropolitana evoluiu positivamente em 16,8% até o ano de 2011, quando tomamos como base o ano de 2003.

O mesmo indicador também apresentou evolução positiva para ambos os grupos de cor ou raça. Porém, o aumento no rendimento do trabalho foi mais expressivo na PEA preta & parda, do que na PEA branca. No caso da PEA branca, a elevação do indicador foi de 17,9%, enquanto que, para a PEA preta & parda, a elevação apresentou-se em 32,1%.

Sendo assim, é notável que as assimetrias de cor ou raça referentes ao rendimento do trabalho principal declinaram no período, tendo diminuído em 22,5 pontos percentuais.

Ao desagregar ainda os dados pelos grupos de sexo, é possível notar que, entre 2003 e 2011, houve uma evolução positiva no rendimento dos trabalhadores brancos do sexo masculino de 19,9%, enquanto o aumento do rendimento dos trabalhadores pretos & pardos foi de 33,8%. Desta forma, no período considerado, as assimetrias de cor ou raça entre a PEA masculina branca e preta & parda caíram em 22 pontos percentuais.

No caso da PEA feminina branca o rendimento médio do trabalho experimentou uma valorização real de 17,9% para o mês de fevereiro de 2011, quando comparado com o mesmo mês do ano de 2003. Já para a PEA feminina preta & parda, houve um expressivo aumento de 31,2% nos rendimentos para o mesmo período, favorecendo uma queda, entre fevereiro de 2003 e fevereiro de 2011, nas desigualdades raciais para esse indicador de 20,7 pontos percentuais.

3. Evolução da taxa de desemprego (tabelas 3 e 4)

A taxa de desemprego aberto (número de pessoas desocupadas que estão procurando trabalho no mês de referência em proporção à PEA) das seis maiores RMs para o mês de fevereiro de 2011 foi de 6,4%. Comparativamente ao mês de janeiro do mesmo ano, houve um aumento de 0,3 ponto percentual na taxa de desemprego. Já em relação ao mês de fevereiro do ano de 2010, observa-se uma queda no indicador de 1,0 ponto percentual.

Vale destacar que, seja para a PEA total, seja para os grupos de cor ou raça e sexo – que serão analisados a seguir, no mês de fevereiro de 2011 foi registrada a segunda alta consecutiva na taxa de desemprego, interrompendo a série de redução progressiva no indicador que se observava desde junho de 2010. Tal movimento potencialmente expressa a redução do ritmo do crescimento econômico no país, causado pelas políticas macroeconômicas recentes, que visam combater o crescimento da inflação através do aumento dos juros e contenção dos gastos públicos.

No segundo mês de 2011, a taxa de desemprego da PEA branca de ambos os sexos foi igual a 5,4%. Esta

proporção foi dois pontos percentuais menor que a mesma taxa para a PEA preta & parda de ambos os sexos, para a qual se verificou um desemprego de 7,4% no mesmo período.

Analisando-se o mesmo indicador para fevereiro de 2010, percebe-se uma queda de 1,0 ponto percentual na taxa aberta de desemprego para a PEA branca de ambos os sexos, muito similar à queda observada na PEA preta & parda, que foi da magnitude de 1,1 ponto percentual. Em comparação a janeiro de 2011, a taxa de desemprego aumentou em 0,3 ponto percentual para ambos os grupos de cor ou raça.

Na desagregação dos grupos de cor ou raça da PEA por sexo, observa-se que, em fevereiro de 2011, a taxa de desemprego dos trabalhadores brancos do sexo masculino foi igual a 4,6%, apresentando um ligeiro aumento de 0,2 ponto percentual em relação a janeiro do mesmo ano. Para os trabalhadores pretos & pardos do sexo masculino houve um aumento de 0,5 ponto percentual no indicador, elevando-se a taxa de desemprego para 5,7%.

Comparando-se a taxa de desemprego dos trabalhadores do sexo masculino em fevereiro de 2011 com o

mesmo indicador do ano anterior, observa-se que houve uma redução tanto na taxa de desemprego da PEA branca (em 0,8 ponto percentual), quanto da PEA preta & parda (em 0,9 ponto percentual).

A taxa de desemprego aberto da PEA feminina branca das seis maiores RMs brasileiras foi de 6,4% no mês de fevereiro de 2011. No caso da PEA feminina preta & parda, a taxa de desemprego no mesmo período foi de 9,5%, ou seja, 3,1 pontos percentuais superior. Em comparação com o mês anterior, houve um aumento na taxa de desemprego para as mulheres de ambos os grupos de cor ou raça, sendo que para as trabalhadoras brancas ocorreu uma variação positiva de 0,5 ponto percentual, enquanto para as pretas & pardas ocorreu apenas uma ligeira alta de 0,1 ponto percentual.

Na comparação entre fevereiro de 2010 e 2011, a taxa de desemprego das trabalhadoras brancas foi reduzida em 1,0 ponto percentual. Já no caso das trabalhadoras pretas & pardas, o mesmo indicador foi reduzido em uma proporção ligeiramente maior: 1,3 ponto percentual.

Na comparação entre fevereiro de 2003 e fevereiro de 2011, houve uma expressiva redução na taxa de desem-

Tabela 3. Taxa de desemprego da PEA residente nas seis maiores RMs, Brasil, fev / 10 – fev / 11 (em % da PEA)

	2010											2011	
	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev
Homens Brancos	5,4	5,1	5,1	4,7	4,5	4,3	4,4	4,0	4,1	3,8	3,5	4,4	4,6
Mulheres Brancas	7,5	8,0	7,4	7,4	7,2	7,1	6,8	6,5	6,4	5,8	5,5	5,9	6,4
Brancos	6,4	6,5	6,2	6,0	5,8	5,6	5,6	5,2	5,2	4,7	4,4	5,1	5,4
Homens Pretos & Pardos	6,6	6,7	6,6	6,6	6,2	6,6	6,0	5,6	5,3	4,9	4,7	5,2	5,7
Mulheres Pretas & Pardas	10,8	11,5	11,0	12,4	11,3	10,9	10,7	9,7	9,4	9,3	8,2	9,4	9,5
Pretos & Pardos	8,5	8,9	8,6	9,2	8,5	8,5	8,1	7,5	7,1	6,9	6,3	7,1	7,4
PEA Total	7,4	7,6	7,3	7,5	7,0	6,9	6,7	6,2	6,1	5,7	5,3	6,1	6,4

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso)

Tabela 4. Taxa de desemprego da PEA residente nas seis maiores RMs, Brasil, fev / 03 – fev / 11 (em % da PEA)

	Fevereiro								
	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Homens Brancos	8,4	7,8	6,9	6,9	6,7	5,7	6,2	5,4	4,6
Mulheres Brancas	12,2	13,1	11,4	10,2	10,0	9,6	9,2	7,5	6,4
Brancos	10,1	10,2	9,0	8,4	8,2	7,5	7,6	6,4	5,4
Homens Pretos & Pardos	11,2	11,4	9,9	9,7	9,8	7,9	7,4	6,6	5,7
Mulheres Pretas & Pardas	17,1	18,8	17,0	15,4	14,6	13,1	12,3	10,8	9,5
Pretos & Pardos	13,8	14,6	13,0	12,2	11,9	10,2	9,6	8,5	7,4
PEA Total	11,6	12,0	10,7	10,1	9,9	8,7	8,5	7,4	6,4

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso)

prego da PEA metropolitana brasileira, em 5,2 pontos percentuais. Cabe ressaltar que a taxa de desemprego para o mês de fevereiro de 2011 foi a menor de toda a série estudada em todos os grupos de cor ou raça e sexo.

A redução observada na taxa de desemprego foi alavancada principalmente pela queda do desemprego no contingente preto & pardo, cuja taxa de desemprego declinou 6,3 pontos percentuais ao longo daquele intervalo. No caso da PEA branca, no mesmo período, a taxa de desemprego declinou 4,6 pontos percentuais.

Desagregando o mesmo indicador pelos grupos de sexo, verificou-se que, entre fevereiro de 2003 e de 2011, a taxa de desemprego aberto dos trabalhadores brancos foi reduzida em 3,8 pontos percentuais. No mesmo lapso, a taxa de desemprego dos trabalhadores pretos & pardos foi reduzida em 5,5 pontos percentuais.

No mesmo intervalo de tempo, a PEA branca do sexo feminino teve sua taxa de desemprego reduzida em 5,9 pontos percentuais. A taxa de desemprego das trabalhadoras pretas & pardas teve queda de 7,5 pontos percentuais.

4. Evolução da participação do emprego doméstico entre as posições ocupacionais (tabela 5)

Ao longo desta seção, será analisada a participação relativa do emprego doméstico entre as posições da PEA ocupada residente nas seis maiores RMs brasileiras. Na categoria emprego doméstico estão incluídos tanto os trabalhadores com carteira assinada, quanto os sem carteira assinada.

Em fevereiro de 2011, 6,9% da PEA metropolitana que estava ocupada se encontrava no emprego doméstico. Em comparação ao verificado em fevereiro de 2003, aquele percentual foi apenas 0,5 ponto percentual inferior. Entre os trabalhadores ocupados do sexo masculino, o peso desta posição ocupacional manteve-se estável no período, em 0,6%. Já na PEA ocupada do sexo feminino, naquele mesmo mês, o emprego doméstico representava 14,6% do total. Ou seja, quase uma em cada sete mulheres ocupadas nas seis maiores RMs do país ainda trabalhava como empregada doméstica, o que configura a esta modalidade ocupacional uma dimensão ainda distante de irrelevante. Na comparação com o mês de fevereiro de 2003, o peso desta posição na ocupação se reduziu em singelos 2,1 pontos percentuais.

Desagregando o peso relativo do emprego doméstico na PEA ocupada dos respectivos grupos de cor ou raça e sexo, observa-se que entre os trabalhadores do sexo masculino, de fato, o peso do emprego doméstico era muito reduzido. Tal informação era válida para ambos os grupos de cor ou raça. Assim, em fevereiro de 2011, 0,4% dos trabalhadores brancos e 0,9% dos trabalhadores pretos & pardos eram empregados nesta posição ocupacional.

Contudo, ao se observar o peso relativo desta modalidade na PEA ocupada do sexo feminino, verifica-se que o emprego doméstico seguia sendo um importante campo de ocupação das mulheres.

No caso das trabalhadoras brancas, em fevereiro de 2011, 9,9% eram ocupadas como trabalhadoras domésticas. Em comparação com fevereiro de 2003, o peso relativo desta categoria ocupacional para as mulheres brancas diminuiu 1,4 ponto percentual.

Tabela 5. Participação relativa do emprego doméstico sobre o total da PEA ocupada residente nas seis maiores RMs, Brasil, fev / 03 – fev / 11 (em % da PEA ocupada)

	Fevereiro								
	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Homens Brancos	0,4	0,5	0,6	0,6	0,7	0,6	0,6	0,5	0,4
Mulheres Brancas	11,3	11,4	11,3	11,5	11,5	11,1	10,7	10,5	9,9
Brancos	5,0	5,3	5,4	5,5	5,6	5,3	5,2	5,1	4,8
Homens Pretos & Pardos	0,8	0,9	1,1	1,0	0,8	0,9	1,2	0,8	0,9
Mulheres Pretas & Pardas	24,5	25,4	26,8	26,8	26,2	23,9	23,4	22,7	20,1
Pretos & Pardos	10,8	11,0	11,7	11,9	11,8	10,8	10,9	10,5	9,4
Homens	0,6	0,7	0,8	0,8	0,7	0,7	0,9	0,7	0,6
Mulheres	16,7	16,9	17,5	17,8	17,8	16,5	16,2	15,9	14,6
PEA Total	7,4	7,7	8,0	8,2	8,3	7,7	7,7	7,6	6,9

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso)

Em fevereiro de 2011, entre as trabalhadoras pretas & pardas, 20,1% do total de ocupadas exerciam a função de empregadas domésticas. Portanto, o peso relativo desta modalidade na PEA ocupada deste grupo de cor ou raça e sexo era mais do que o dobro do que acontecia entre as trabalhadoras brancas.

Em comparação com o mês de fevereiro de 2003, o peso do emprego doméstico no total das trabalhadoras pretas & pardas ocupadas se reduziu em 4,4 pontos percentuais, proporção que parece mais relevante. Contudo, vale ressaltar que até fevereiro de 2006, o peso do emprego doméstico foi se elevando para a PEA do sexo feminino preta & parda, chegando a representar, naquele mês específico da série, 26,8% do total de ocupadas. E, conforme visto, mesmo considerando a evolução recente do indicador, o fato é que no começo de 2011, uma em cada cinco mulheres ocupadas seguia exercendo a profissão de empregada doméstica.

Desta forma, mesmo considerando os efeitos positivos do crescimento econômico nos últimos oito anos para a recuperação dos indicadores do mercado de trabalho, em 2011 o emprego doméstico ainda se constitui como uma forma de ocupação sumamente importante entre as mulheres residentes nas maiores RMs do país, especialmente entre as trabalhadoras pretas & pardas.

5. Composição de cor ou raça e sexo do emprego doméstico (tabela 6)

Nesta seção, será analisada a composição de cor ou raça e sexo da PEA ocupada enquanto empregada doméstica nas seis maiores RMs brasileiras. Neste mo-

mento, assim como na seção anterior, serão considerados conjuntamente os empregados domésticos com ou sem carteira assinada.

Conforme já observado acima, o emprego doméstico caracteriza-se por ser uma ocupação essencialmente feminina. Assim, quando lido em termos do peso relativo das mulheres no interior desta forma de ocupação, em fevereiro de 2011, 95,1% do total da PEA ocupada nesta posição era composta justamente por pessoas do sexo feminino, sendo apenas 4,9% formada por homens.

Comparativamente ao mês de fevereiro de 2003, a distribuição de gênero do emprego doméstico manteve-se estável, tendo diminuído a participação feminina nesta posição ocupacional em ligeiro 0,3 ponto percentual.

Ao se analisar o perfil de cor ou raça do emprego doméstico, observa-se que esta posição ocupacional era formada em sua maioria pelos pretos & pardos. Assim, em fevereiro de 2011, 63,9% dos empregados domésticos eram deste grupo de cor ou raça, ao passo que os trabalhadores brancos representavam 35,8% do contingente total.

Desta forma, a participação da população preta & parda no emprego doméstico era superior em 16,3 pontos percentuais ao seu peso relativo no total da PEA residente nas seis maiores RMs, em fevereiro de 2011, quando a PEA era composta por 47,6% de pretos & pardos e 51,5% de brancos.

Ao longo dos últimos oito anos, a participação relativa do contingente preto & pardo no interior do emprego

Tabela 6. Composição de cor ou raça e grupos de sexo da População Economicamente Ativa (PEA) ocupada como empregada doméstica residente nas seis maiores RMs, Brasil, fev / 03 – fev / 11 (em % da PEA ocupada como empregada doméstica)

	Fevereiro								
	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Homens Brancos	1,9	2,3	2,2	2,4	2,7	2,3	2,5	2,0	1,7
Mulheres Brancas	37,2	37,6	35,6	35,4	34,7	36,0	34,4	34,0	34,2
Brancos	39,1	39,9	37,8	37,9	37,5	38,3	36,8	36,0	35,8
Homens Pretos & Pardos	2,7	3,0	3,3	2,9	2,3	2,8	4,0	2,8	3,3
Mulheres Pretas & Pardas	57,7	57,0	58,6	59,2	59,9	58,6	59,0	61,0	60,7
Pretos & Pardos	60,4	60,0	62,0	62,1	62,2	61,4	63,0	63,8	63,9
Homens	4,6	5,2	5,5	5,3	5,0	5,1	6,5	4,8	4,9
Mulheres	95,4	94,8	94,5	94,7	95,0	94,9	93,5	95,2	95,1
PEA Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso)

doméstico se elevou em 3,5 pontos percentuais, ao passo que a presença relativa de trabalhadores brancos nesta posição se reduziu em 3,3 pontos percentuais.

Desagregando também pelos grupos de sexo, verifica-se que, em fevereiro de 2011, a categoria emprego doméstico era composta por 1,7% de homens brancos, 3,3% de homens pretos & pardos, 34,2% de mulheres brancas, e 60,7% de mulheres pretas & pardas. Ou seja, de todos os trabalhadores ocupados nas seis maiores RMs como empregados domésticos, três em cada cinco eram mulheres pretas & pardas, quase o dobro da presença feminina branca na mesma ocupação.

Naquele mesmo mês, a participação relativa das mulheres pretas & pardas no seio na PEA total era de apenas 21,6%. Ou seja, a participação das trabalhadoras pretas & pardas no emprego doméstico era 39,1 pontos percentuais superior à sua participação no mercado do trabalho metropolitano como um todo.

Comparativamente ao mês de fevereiro de 2003, a participação relativa da PEA do sexo masculino ocupada no emprego doméstico manteve-se estável. Medindo o indicador em pontos percentuais, o peso relativo dos trabalhadores brancos declinou 0,3. Já o peso relativo dos homens pretos & pardos aumentou em 0,6.

A participação das trabalhadoras brancas no emprego doméstico se reduziu, naquele período, em 3,0 pontos percentuais. A redução do peso das mulheres brancas foi fundamentalmente compensada pela elevação da presença relativa das mulheres pretas & pardas. Assim, em fevereiro de 2003, estas respondiam relativamente por 57,7% das empregadas domésticas. Já em fevereiro de 2011, passaram a representar 60,7% da PEA ocupada nesta mesma modalidade ocupacional.

6. Rendimento habitual médio do emprego doméstico (tabela 7)

Em fevereiro de 2011, o rendimento médio habitual da PEA ocupada como empregada doméstica era de R\$ 591,39. Desagregando entre os trabalhadores com ou sem carteira, os primeiros recebiam, em média, R\$ 691,24; e os segundos R\$ 527,05. Como foi observado na seção 2, o rendimento médio da PEA total ocupada era de R\$ 1.540,26, ou seja, 160% superior ao rendimento médio do trabalho doméstico com ou sem carteira.

Em comparação com fevereiro de 2003, o rendimento

médio habitual recebido pela PEA total ocupada como empregada doméstica se elevou em 33,9%, no caso dos empregados com carteira assinada, e em 42,2%, no caso dos empregados sem carteira. Na média, a elevação foi de 39,8%. Esta evolução positiva pode ter como uma das principais hipóteses explicativas a evolução positiva observada no Salário Mínimo no período.

Em fevereiro de 2011, a PEA de sexo feminino ocupada como empregada doméstica recebia rendimentos médios habituais inferiores aos trabalhadores do sexo masculino na mesma posição ocupacional. Assim, considerando o conjunto dos empregados domésticos (com ou sem carteira), as mulheres recebiam, em média, R\$ 582,30, ou seja, 32% inferior ao rendimento médio dos homens empregados na mesma posição. Em comparação com o mês fevereiro de 2003, os rendimentos médios auferidos pelos empregados domésticos do sexo masculino se elevaram em 23,9%, ao passo que os ganhos reais das trabalhadoras do sexo feminino foram de 40,8%.

Desagregando o mesmo indicador pelos grupos de cor ou raça e sexo, verifica-se que, em fevereiro de 2011, na média dos rendimentos auferidos pelo conjunto dos trabalhadores domésticos (com ou sem carteira), os homens brancos eram os que recebiam os valores mais elevados, R\$ 818,99, seguidos pelos homens pretos & pardos, R\$ 741,96. As empregadas domésticas brancas ganhavam, em média, R\$ 627,42, ao passo que as mulheres pretas & pardas auferiam os menores rendimentos médios, R\$ 557,51.

Comparativamente ao mês de fevereiro de 2003, os rendimentos dos homens brancos se elevaram em 27,9% e, os dos homens pretos & pardos, em 22,7%. Os valores auferidos pela PEA do sexo feminino ocupada como empregada doméstica se elevaram de forma mais consistente: 41,8%, no caso das mulheres brancas, e 40,8%, no caso das mulheres pretas & pardas.

Contudo, em fevereiro de 2011, as assimetrias entre os grupos de sexo eram ainda elevadas. Assim, os homens brancos recebiam, em média, rendimentos 30,5% superiores aos das mulheres brancas, e 46,9% superiores aos das mulheres pretas & pardas. As diferenças entre os rendimentos dos homens pretos & pardos e as mulheres brancas eram iguais a 18,3%, e eram de 33,1% na comparação com as mulheres pretas & pardas.

No caso de todos os grupos de cor ou raça e sexo, os rendimentos médios auferidos pelo ocupados no em-

Tabela 7. Rendimento médio habitual da PEA ocupada como empregada doméstica residente nas seis maiores RMs, de acordo com os grupos de cor ou raça e sexo, Brasil, fev 2003 e fev 2011 (em R\$ - fev / 11, INPC)

		Homens Brancos	Mulheres Brancas	Branco	Homens Pretos & Pardos	Mulheres Pretas & Pardas	Pretos & Pardos	Homens	Mulheres	PEA Total
2003	Emp. Domestico Com Carteira	774,39	524,24	540,11	690,34	489,32	501,57	724,61	502,70	516,39
	Emp. Domestico Sem Carteira	520,30	396,52	401,55	522,55	345,50	351,75	521,59	364,82	370,66
	Emp. Domestico Total	640,43	442,40	452,10	604,60	395,97	405,25	619,51	413,61	423,09
2011	Emp. Domestico Com Carteira	874,49	718,57	729,03	833,66	659,96	670,52	849,28	680,62	691,24
	Emp. Domestico Sem Carteira	745,43	570,54	576,14	662,31	492,74	500,31	686,06	520,42	527,05
	Emp. Domestico Total	818,99	627,42	636,20	741,96	557,51	566,91	767,69	582,30	591,39

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso)

prego doméstico eram inferiores aos rendimentos médios habituais da PEA total ocupada. Porém, as diferenças eram mais elevadas para a população branca do que para a população preta & parda: 178,7%, no caso dos homens brancos; 153,4%, no caso das mulheres brancas; 61,7%, no caso dos homens pretos & pardos; e 55,5%, no caso das mulheres pretas & pardas.

Estas informações, mais uma vez, reforçam as conclusão já tecidas anteriormente nas duas edições precedentes do "Tempo em Curso". Ou seja, do ponto de vista das mudanças verificadas em termos do modo de acesso dos diferentes grupos de cor ou raça ao mercado de trabalho, as transformações verificadas nos últimos oito anos, em não tendo deixado de existir, foram pouco expressivas.

Portanto, se é verdade que nos últimos anos houve uma redução no percentual de trabalhadores ocupa-

dos no emprego doméstico, além de modesta, esta posição ocupacional ainda constitui uma importante forma de inserção no mercado do trabalho para as mulheres, especialmente as pretas & pardas.

Estas últimas seguem representando o maior contingente ocupado nesta modalidade e ainda recebem rendimentos inferiores comparativamente aos demais grupos de cor ou raça e sexo. Tais dados evidenciam que, mesmo no acesso a esta ocupação, imperam fatores discriminatórios agravados de gênero e cor ou raça.

Com isso abrem-se as portas para analogias infelizes, que certamente expressam um inconsciente coletivo de natureza racista e que insiste em associar – como uma Lei de Bronze – meninas, mulheres e senhoras de peles escuras com posições ocupacionais subalternas, mal remuneradas e escassamente prestigiadas.

Tempo em Curso

Elaboração escrita

Profº Marcelo Paixão, Irene Rossetto Giaccherino
e Elisa Monçores

Programação de indicadores estatísticos

Luiz Marcelo Carvano

Pesquisadora Assistente

Irene Rossetto Giaccherino

Bolsista de Graduação

Elisa Monçores

Equipe LAESER / IE / UFRJ

Coordenação Geral

Profº Marcelo Paixão

Coordenação Estatística

Luiz Marcelo Carvano

Pesquisadores Assistentes

Cléber Julião
Irene Rossetto Giaccherino
Sandra Regina Ribeiro

Coordenação dos Cursos de Extensão

Azoilda Loretto
Sandra Regina Ribeiro

Bolsistas de Graduação

Danielle Oliveira (PIBIC – CNPq)
Elaine Carvalho – Curso de Extensão (UNIAFRO)
Elisa Monçores (Fundação Ford)
Guilherme Câmara (PIBIC – CNPq)

Revisão de texto e copy-desk

Alana Barroco Vellasco Austin

Editoração Eletrônica

Maraca Design

Apoio

Fundação Ford



FORDFOUNDATION